

Velhos tabus de roupa nova: o futebol feminino na revista Placar entre os anos de 2000-2010

Leila Salvini*^a, Wanderley Marchi Júnior^b

^a Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil, UFPR, E-mail: leila.salvini@hotmail.com

^b Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil, UFPR, E-mail: marchijr@ufpr.br

Recebido em 25 03 2013, Aceito para publicação em 24 04 2013, Disponível online dia 06 05 2013.

Resumo

Temos como objetivo para este artigo apresentar uma história do futebol feminino contada pelas páginas da revista Placar entre os anos de 2000 a 2010. Para tanto, mapeamos todos os exemplares desta década, dos quais, 6 foram selecionados para a elaboração do artigo. Como resultados, entendemos que as matérias podem ser organizadas e divididas em duas partes, uma que diz respeito questões relacionadas à feminilização da modalidade por meio de ações práticas e outra sobre o anseio da profissionalização do futebol feminino por parte das jogadoras.

Palavras-chave: Futebol feminino, história do futebol feminino, revista Placar.

Abstract

We aim with this article to present through the pages of the Placar magazine a history of women's football between the years 2000 and 2010. Thus, we mapped all copies of this decade, of which 6 were selected for the preparation of this article. As a result, we believe that the materials can be organized and divided into two parts, one concerning issues related to the feminization of the sport through actions practical and another, about the wish of professionalization of women's soccer on the part of the players.

Keywords: women's soccer, history of women's soccer, Placar magazine.

Introdução

O futebol feminino no Brasil carrega em sua história nuances de proibições¹, de veiculações midiáticas restritas^{2,3}, de pouco incentivo financeiro^{4,5}, de preconceitos de gênero^{6,7}, mas também de uma trajetória que mesmo curta e limitada, em decorrência das intempéries citadas, teve aparições internacionais e participações significativas em eventos esportivos como nos Jogos Olímpicos e na Copa do Mundo de Futebol Feminino.

Consideramos com base na veiculação de informações da revista Placar que o futebol feminino no Brasil no período entre os anos de 1980 e 2010, passou por três fases distintas⁸. Na primeira década, destacamos a retomada da modalidade sob amparo da lei, fomentado a prática de lazer entre as mulheres e exaltando o seu “lado mulher” (sendo bonita e *sexy*) no sentido de se posicionar contra as possíveis menções de homossexualismo⁹.

Já na década posterior, que abrange os anos entre 1990 a 2000, ocorre no panorama do futebol uma grande dicotomia entre o futebol (e suas praticantes) que se aproxima da profissionalização e o futebol (e suas praticantes) de lazer, que enfoca nos cuidados com a aparência física em detrimento ao desempenho técnico¹⁰.

Outro destaque para essa década é que a partir do ano de 1996 o futebol feminino passa a ter dois grandes eventos internacionais. A Copa do Mundo de Futebol Feminino e os Jogos Olímpicos. E desse modo, a cada três anos a modalidade atrai a atenção dos meios de comunicação, em menor escala do que o futebol masculino, mas com maior aparição do que o restante dos anos.

No início dos anos 2000 a falta de um calendário de campeonatos e clubes que não mantém os times o ano inteiro ainda é a realidade do futebol feminino brasileiro. As competições de nível mundial são entendidas pelas próprias jogadoras, e também divulgadas pelos meios de comunicação, como uma possibilidade de mudança no panorama, em que a conquista desses títulos assume o poder de alavancar o futebol feminino, do mesmo modo que a derrota pode provocar um descaso ainda maior.

Considerando a importância e influência da mídia na divulgação das modalidades e seus atletas, mais precisamente de revistas que tratem especificamente do futebol, temos como objetivo para o presente artigo apresentar uma história do futebol feminino contada pelas páginas da revista Placar entre os anos de 2000 a 2010.

As informações que aparecem nesse escrito seguem a mesma ordem de aparição na revista, e serão apresentadas a seguir em dois subtítulos. O primeiro, “**roupa nova**” ao **futebol feminino** abordará questões relacionadas à feminilização da modalidade por meio de ações práticas, tais como, a confecção de uniformes sob medida para as jogadoras da seleção. Em seguida, traremos informações a respeito da profissionalização do futebol feminino, e alguns tabus acerca desse anseio, sob o título: **profissionalização, um velho tabu?**

Aspectos metodológicos

O presente trabalho pode ser classificado como uma pesquisa documental (GIL, 1999), pois, a coleta das informações pertinentes a nossa análise foi efetuada em documentos, mais especificamente em revistas já publicadas, que além de impressas foram digitalizadas e encontram-se disponibilizadas online com acesso gratuito.

Como as revistas utilizadas para esse estudo estão disponíveis online¹, a coleta dos dados foi realizada por meio de busca pela palavra-chave: “futebol feminino”. Após mapearmos as edições que contemplavam nossa busca, lemos as matérias a fim de identificar dentre todas elas quais eram as mais relevantes, no sentido de conterem maior número de informações a cerca do futebol feminino. Além de elencarmos as reportagens que apresentavam maior conteúdo, selecionamos algumas imagens que viessem a somar – no sentido de ilustrar – a apresentação desses dados.

A revista Placar publicou entre os anos de 2000 a 2010 um montante de 457 exemplares, considerando apenas as publicações mensais e excluindo edições especiais. Desse total, foram utilizados seis exemplares para o desenvolvimento do artigo em questão, que serão apresentados ao longo do texto respeitando a ordem cronológica de aparição nas revistas. Com relação aos procedimentos de análise, salientamos que vamos nos utilizar do referencial teórico apresentado conjuntamente aos dados empíricos para a reflexão e análise descritiva dos mesmos.

“Roupa nova” ao futebol feminino

Assim como nas duas décadas anteriores (entre 1980 e os anos 2000), a sexualidade e a feminilização das jogadoras aparece como assunto “reincidente”, pois em ano de Jogos Olímpicos essa temática é veiculada de maneira tão relevante quanto a habilidade esportiva. Para ilustrar esses apontamentos, visualizamos na sequência as imagens extraídas da revista Placar de maio de 2000 em uma sessão dedicada aos Jogos

¹ O acervo de revistas Placar está arquivado no site Google Books, disponível no seguinte link: <http://books.google.com.br/books/about/Placar_Magazine.html?id=ex_jY90gyh8C&redir_esc=y> Acesso em: 25 de fevereiro de 2013.

Olímpicos de Sydney, que menciona: “As meninas da Seleção lutam por sua feminilidade e comemoram conquistas impensáveis, como uniformes sob medida”¹¹. Abaixo de cada foto – como forma de localizar acontecimentos cronologicamente – está escrito: “As garotas fazem coletivo, depois de ouvir as orientações de Zé Duarte; na folga, experimentam batom em loja de cosméticos”. O corpo do texto compara a conquista do uniforme sob medida para as mulheres à conquista do terceiro lugar do Mundial nos Estados Unidos e é considerado um dos símbolos da *nova fase* do futebol feminino.

Figura 01 - Jogos Olímpicos de Sydney



FONTE: Revista Placar de maio de 2000.

Abordando a evolução histórica com relação à superação do preconceito de gênero, a mesma matéria traz o depoimento de jogadoras de diferentes épocas. “Marisa (33 anos) começou a jogar quando o futebol era associado ao homossexualismo”. Já Dani Alves (16 anos) “[...] é de outra geração, em que o esporte já é praticado normalmente nas aulas de Educação Física”. Com 17 anos, “Renatinha desfila nos cabelos loiros e compridos e nos olhos claros uma outra transição importante na Seleção, em relação às veteranas, está em paz com a feminilidade”.

[...] as novatas, como Renatinha, dão duro no gramado, mas tentam, ainda sem muito método, se manter ‘mocinhas’ dentro e fora dele. ‘Ser mocinha’ não indica a opção sexual das jogadoras. Aponta a disposição de adotar o jeitão dos homens, até agora senhores absolutos dos gramados. A ideia antes era parecer ao máximo com os colegas do sexo oposto, para se sentirem menos invasoras¹¹.

Se a “ideia antes era parecer ao máximo com os colegas do sexo oposto” agora o que vemos é o processo inverso. A legitimação do espaço do futebol pelas mulheres se deposita na sua construção corporal enquanto vitrine de suas escolhas e disposições que as aproxime da noção dicotômica construída culturalmente para os gêneros. O fato de “tentar ainda sem muito método, se manter mocinhas dentro e fora dos gramados” reproduz o “enigma” histórico e cultural que existe no nosso país em atrelar o futebol à feminilidade normativa depositado na expectativa e pautado na construção da crença de um *habitus*^{II} “feminino universal”. Sem perder de vista que, tanto o corpo físico quanto o “corpo moral” – *hexis* – incorporam disposições políticas para a ação que, por sua vez, se tornam maneiras duráveis de se portar, de falar, de andar, e, dessa maneira, de sentir e de pensar¹².

A complexa faculdade de administrar elementos essencialistas de gênero construídos social e culturalmente do que é entendido como ser feminina e de ser jogadora de futebol é suscitada no discurso de Priscila, atacante do Palmeiras: “Eu acho que tem que ser mocinha, sim. [...] Não pode ter frescura pra jogar, mas isso ninguém aqui tem. Agora, fora dos gramados, sou mocinha”¹². Depoimento que remonta à noção de feminilidade no espaço do futebol, promovendo o que Goellner^{13,14} vem a chamar de um espaço de ambiguidades, que fomenta a possibilidade de vislumbrar esse campo, como um campo onde se representam diferentes feminilidades, embora permaneçam ancoradas em uma visão dicotômica de gênero.

A incorporação de elementos entendidos culturalmente como femininos pode promover a diminuição, ou quiçá, a extinção de preconceito de gênero na modalidade. Knijnik¹⁵ constatou em sua tese de doutorado que o preconceito é a principal fonte de stress no futebol feminino, de modo que as jogadoras com faixa etária entre 16 e 21 anos, ao responder pergunta sobre como elas acham que os outros as enxergam enquanto jogadoras de futebol, 42,31% disseram ter apoio da família. Por outro lado, entre as atletas dos 22 aos 27 anos, 46,67% indicaram o preconceito como visão

^{II} “O *habitus* é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, [...] de escolhas de pessoas, de bens, de práticas” (BOURDIEU, 1996, p.21-2).

principal sobre elas. Em detrimento dos resultados, pode afirmar que as esportistas mais jovens mostram uma melhor perspectiva em relação à participação feminina no futebol.

Tais constatações podem ser ilustradas no depoimento da jogadora Nildinha: “Acho que o preconceito não vai acabar nunca. E isso é um saco. [...] está nos pés das novas jogadoras a sorte do futebol feminino. A elas, cabe fazer a transição e ficar nos gramados”¹⁶.

Assim como a maneira de enfrentar ou vivenciar preconceitos de gênero foram modificados ao longo dos anos, também é interessante perceber a transição entre as jogadoras federadas e de Seleção Brasileira da década anterior – onde a habilidade esportiva superava largamente os atributos físicos de feminilidade – com a “renovação” presente na seleção dos anos 2000. Para essa nova roupagem também as jogadoras federadas e de Seleção deveriam se preocupar em vender a imagem de feminilidade, agora juntamente com as habilidades de jogo.

Profissionalização, um velho tabu?

Nos Jogos Olímpicos de Sydney, a Seleção Brasileira disputou a medalha de bronze contra a Alemanha, perdendo por 2x0 terminando em 4º lugar. A medalha de ouro ficou com a Noruega e a de prata com os Estados Unidos.

As brasileiras voltaram novamente em quarto lugar, mas tiveram a mesma recepção de 1996. O Brasil reconhecia o esforço do futebol feminino – principalmente na comparação com o fiasco do time masculino que, comandado por Vanderlei Luxemburgo, fora eliminado por Camarões nas quartas-de-final, apesar de ter dois homens a mais no campo. A recepção, dessa vez, não reduziu a frustração. A medalha em Sidney seria importante para o futebol feminino que, naquele momento, parecia andar para trás no país. Os times estavam desaparecendo e as competições escasseavam^{17a}.

No embalo do Mundial e dos Jogos Olímpicos, os Estados Unidos realizaram em 2001 o primeiro campeonato de futebol profissional, a “salvação” para as jogadoras da Seleção que não tinham clubes no Brasil e participaram desse evento, são elas: Sissi, Kátia Cilene, Pretinha e Roseli¹⁶.

Seguindo na esteira dos eventos internacionais, em 2003 os Estados Unidos sediaram novamente o Mundial de Futebol Feminino, pois, a China que era cotada para

ser a sede inicial passava por uma epidemia de gripe H1N1, e em detrimento às preocupações o torneio foi transferido para se manter dentro das datas programadas. Nesse torneio, a Alemanha conquistou o título após disputar a final contra a Suécia.

De acordo com dados da FIFA¹⁸, “A competição, originalmente programada para a China, bateu recordes em todos os sentidos e apresentou jovens promissoras como a brasileira Marta”. Ainda em se tratando da jogadora, foi mencionada como uma das “sete estrelas em ascensão”. A brasileira Marta, com 17 anos, também causou ótima impressão. O excelente domínio de bola e o posicionamento preciso lhe renderam um elogio de Ma Liangxing, técnico Chinês: "O modo como ela joga mostra o futuro do futebol".

A jogadora Marta também recebeu menções da mídia nacional, “baixinha arretada: a alagoana Marta é a nova estrela da Seleção Brasileira feminina”¹⁹. O texto de uma página conta rapidamente a trajetória da jogadora no futebol.

Além do destaque mundial concedido à Marta, decorrente apresentação, outro fato chamou a atenção da mídia nacional ao abordar o futebol feminino. Trata-se da escalação de última hora da “rainha das embaixadas” e então esposa do jogador Ronaldo, Milene Domingues. A revista Placar de dezembro de 2003²⁰ veicula essa escalação com a seguinte provocação: “você já viu falar de um meia-atacante roubar a vaga de um lateral-direito?” Soa estanho, não é? Mas não na Seleção Brasileira Feminina”.

O mesmo fato causou repercussão negativa também entre as jogadoras, conforme descreve Valporto¹⁷

As jogadoras reclamaram da convocação de Milene Domingues [...] articulada pela direção da CBF para dar visibilidade ao time. A estratégia funcionou em parte: a seleção feminina ganhou mais espaço nos meios de comunicação. Entretanto, a própria Milene abriu nova crise na seleção ao servir como porta-voz de parte do grupo, que criticava os métodos do treinador Paulo Gonçalves.

No ano seguinte (2004), mais um recorde para as esportistas brasileiras, a Vila Olímpica de Atenas reunia a maior concentração de mulheres da história dos Jogos Olímpicos²⁰. Atenas foi o palco de uma das melhores atuações da Seleção Brasileira, a medalha de prata e o reconhecimento mundial. A mídia nacional veiculou maior número de informações a respeito das “meninas da seleção”. De acordo com Martins e Moraes²¹

que avaliaram a exposição do futebol feminino na mídia impressa em dois jornais de grande circulação nacional durante três meses, houve um aumento de 2.000% no número de inserções na medida em que transcorriam os Jogos Olímpicos.

Tais fatos reportam por sua vez, a análise de Mourão e Morel² sobre o “efeito sanfona” na história do futebol feminino, pois quando a Seleção Brasileira está disputando uma competição de nível internacional o número informações veiculadas pelos meios de comunicação aumenta, favorecendo então o registro dessas informações que vem fazer parte da história da modalidade. Em contrapartida, a quantidade de informações a respeito do futebol feminino esmorece ao término das partidas oficiais, causando esquecimento da modalidade.

Mesmo com os sucessos recentes conquistados pela Seleção, a dura realidade das jogadoras não modifica. “Jogar futebol no Brasil não é fácil. Não tem salário, tem ajuda de custo” diz Grazielle Nascimento, 26 anos, que joga no Botucatu – SP; “[...] experiência eu tenho. Só não tenho dinheiro” fala Renata Diniz que há 4 anos já faz parte do elenco da Seleção²². Em outro relato da falta de oportunidade e incentivo em solo brasileiro, a jogadora Cristiane anuncia que está indo para a Europa jogar futebol, salientando que a modalidade aqui “[...] engatinha e ainda falta muito para a gente ser reconhecida”²³.

Tendo em vista o reconhecimento midiático – e não financeiro – o futebol feminino brasileiro recebeu destaque na mídia local e mundial em decorrência de um talento individual, Marta. Eleita a jogadora do ano da FIFA de 2006 e Chuteira e Bola de Ouro Adidas no ano de 2007 pelo seu excelente desempenho no Mundial de Futebol Feminino de 2007, Marta foi premiada como melhor jogadora do ano FIFA por mais 4 vezes consecutivas.

Atualmente Marta é um símbolo do futebol feminino. Além de possuir um pequeno memorial no Estádio Rei Pelé em Alagoas, seu estado natal, o seu nome também assume um papel político ao mediar com chefes de governo pedidos de investimento e atenção ao futebol feminino,^{III} tal como podemos visualizar na imagem a

^{III} Marta teve um encontro com a presidente Dilma, o ministro do Esporte, Orlando Silva, e o presidente do Santos, Luís Álvaro de Oliveira, no dia 24 de janeiro de 2011 no Palácio do Planalto. A presidente prometeu maior atenção ao futebol feminino. Para maiores informações: PASSARINHO, Nathalia. Dilma recebe Marta e promete maior ‘atenção’ ao futebol feminino. *GI*. 2011. Disponível em:

seguir, na qual Marta oferece à presidente Dilma – primeira mulher presidente no Brasil – uma camisa do Santos Futebol Clube, equipe que defendeu durante suas “férias” no Brasil:

Figura 02 - Marta e Dilma



FONTE: Portal G1: Política (20/02/13)

De acordo com informações do site da FIFA, um dos pontos altos da Copa do Mundo Feminina de 2007 foi o poder ofensivo de uma Seleção Brasileira liderada pela atacante Marta. Embora a falta de experiência talvez tenha custado o título mundial ao Brasil, o empolgante futebol apresentado pela Seleção mereceu aplausos de torcedores e especialistas.

Por meio das informações veiculadas pela revista Placar, reparamos um nuance de cobrança de resultado à Seleção, em especial à jogadora Marta: “está na hora da seleção feminina liderada por Marta chegar ao topo”²⁴. O topo que a revista se refere é o *podium* nos Jogos Olímpicos de Pequim. Contudo, Freitas²⁵ relata que mesmo melhor em grande parte da decisão contra os Estados Unidos, a seleção feminina de futebol não soube traduzir em gols a imensa superioridade técnica na partida. Com o mesmo desfecho dos Jogos Olímpicos de Atenas há quatro anos, o Brasil perde na final por 1x0 na prorrogação. “Do ouro, apenas a sensação doída de ter chegado mais uma vez muito perto”²⁵.

<<http://g1.globo.com/politica/noticia/2011/01/dilma-recebe-marta-e-promete-maior-atencao-ao-futebol-feminino.html>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

Considerações finais

A década que abrange os anos 2000 até 2010 é marcada por eventos esportivos de cunho internacional que retratam a situação do futebol feminino no Brasil; o pouco investimento e o anseio por resultado. Contudo, sem o investimento local a aspiração do ouro a nível nacional, ou mesmo a profissionalização do futebol feminino, tem se tornado uma realidade distante.

O modo singular como a feminilidade foi atrelada ao futebol nas duas décadas anteriores (formando equipes que visassem somente a espetacularização do corpo feminino e descartando as habilidades esportivas) sofre significativa mudança nessa década. Como já apresentamos anteriormente, nesse momento histórico as características que remetem ao cuidado com o corpo ou a exaltação de atributos que remetam a feminilidade enquanto construção social são apresentadas pelas próprias jogadoras federadas e de Seleção Brasileira como uma regra incorporada e não institucionalizada (no sentido de leis ou regras que compõem o regulamento da modalidade). Ou seja, os dirigentes pedem para que as atletas deixem seus cabelos compridos, apresentem-se bem cuidadas e na medida do possível, que se apresentem aos jogos “feminilizadas”. Nesse sentido, as próprias jogadoras entenderam e são cúmplices da lógica midiática de veicularem informações que atrelem o cuidado corporal no sentido da dicotomia gênero ao futebol.

Outra tentativa de aproximação entre futebol e feminilidade da mulher brasileira pode ser visualizada no calendário e no desfile de biquínis em comemoração ao centenário do Santos Futebol Clube lançado em abril de 2011. Onde, as próprias jogadoras, também conhecidas como “Sereias da Vila” ilustram as páginas do calendário e desfilam a coleção de moda praia do clube.

Referências

- (1) Brasil. Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Disponível em: <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=152593>. Acesso em: 28/02/2013.

- (2) Mourão L, Morel M. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*; 2005; v. 26, p. 73-86.
- (3) Souza JSS, Knijnik JD. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 2007; v. 21, p. 35-48.
- (4) Goellner SV. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a Prática*. 2005; v. 8, p. 85-100.
- (5) Goellner SV. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. 2005; v. 19, p. 143-51.
- (6) Goellner SV. O esporte e a espetacularização dos corpos femininos. *Labrys: Estudos Feministas*. 2003.
- (7) Franzini F. Futebol é "coisa para macho"?: Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*. 2005; v. 25, p. 315-328.
- (8) Salvini L. Novo Mundo Futebol Clube e o “velho mundo” do futebol: considerações sociológicas sobre o habitus esportivo de jogadoras de futebol [Dissertação]. Curitiba: Universidade Federal do Paraná; 2012.
- (9) Salvini L, Marchi Júnior W. Uma história do futebol feminino nas páginas da revista *Placar* entre os anos de 1980–1990. *Movimento (no prelo)*. 2013.
- (10) Salvini L, Marchi Júnior W. Notoriedade mundial e visibilidade local: o futebol feminino na revista *Placar* na década de 1990. *Sociologias Plurais*. 2013; v.1, p. 144-159.
- (11) *Revista Placar*. São Paulo: ed. Abril, n 1163, maio, 2000. 98 p.
- (12) Bourdieu P. *O Senso Prático*. Petrópolis: Vozes; 2009.
- (13) Goellner SV. Prefácio. In: Knijnik JD. (Org). *Gênero e Esporte: masculinidades e feminilidades*. Rio de Janeiro: Apicuri; 2010.
- (14) Goellner SV. *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica*. Ijuí: Unijuí; 2003.
- (15) Knijnik JD. *Femininos e masculinos no futebol brasileiro [Tese]*. São Paulo: Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo; 2006.

- (16) Revista Placar. São Paulo: ed. Abril, n 1174, abril, 2001. 80 p.
- (17) Valporto O. Atleta, substantivo feminino: vinte mulheres brasileiras nos jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; 2006. p. 253.
- (18) Fifa. Copa do Mundo Feminina da FIFA. [acesso em 26 fev. 2013]. Disponível em: <<http://pt.fifa.com/tournaments/archive/womensworldcup/index.html>>.
- (19) Revista Placar. São Paulo: ed. Abril, n 1263, outubro, 2003. 80 p.
- (20) Revista Placar. São Paulo: ed. Abril, n 1265, dezembro, 2003. 80 p.
- (21) Martins LT, Moraes L. O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata. *Pensar a Prática*. 2007; v.10, p.69-81.
- (22) Revista Placar. São Paulo: ed. Abril, n 1307, junho, 2007. 96 p.
- (23) Revista Placar. São Paulo: ed. Abril, n 1314, janeiro, 2008. 88 p.
- (24) Revista Placar. São Paulo: ed. Abril, n 1313, dezembro, 2007. 96 p.
- (25) Freitas B. Meninas encantam, mas falham na final e ficam no quase de novo. UOL. [acesso em 17 fev. 2013]. Disponível em: <<http://olimpiadas.uol.com.br/2008/quadro-de-medalhas/brasileiros/selecao-feminina.jhtm>>.
- (26) Bourdieu P. Razões práticas. Campinas: Papyrus, 1996.